

Sessões

Roy David Frankel

I

Era 17 de abril de 2017, exatamente um ano após a sessão da Câmara dos Deputados que votou o impeachment da então presidente Dilma Rousseff. Uma segunda-feira chuvosa, daquelas que nenhum carioca sai à rua. Até deus estava a chorar. O encontro seria às 19 horas na Praça São Salvador, um local encravado no meio da Zona Sul do Rio de Janeiro, com uma ativa vida noturna, tradicionalmente marcado por se opor ao “espaço vazio” a que se refere DaMatta. Uso do espaço público para discussão de uma questão pública.

Por via das dúvidas, um bar na esquina da praça seria utilizado como ponto de apoio. O dia amanhecera cinzento. Todos os envolvidos preocupados. Como seria o lançamento? A hora passava, mas a chuva não. O bar foi a salvação. À hora marcada, as pessoas fluíam às dezenas, abrigando-se do frio úmido.

O tempo passava, muitas pessoas vinham, muitas pessoas iam. Do outro lado da praça, dezenas de policiais protegiam o coreto vazio. Dentro do bar, os participantes, alguns ébrios, liam os poemas-votos.

II

A sessão do impeachment de Dilma Rousseff foi um momento marcante na vida política brasileira. Era o quarto mandato consecutivo do Partido dos Trabalhadores (PT). Lula foi presidente de 2003-2010, Dilma de 2011-2014 e estava em seu segundo mandato, iniciado

em 2015, teoricamente indo até 2018. Nos anos 2000, o Brasil obteve diversos avanços em agendas sociais. O IPEA chegou a chamar o período 2001-2011 de “a década inclusiva” (IPEA 2012). Mas a crise mundial de 2008/2009 atingiu o Brasil em cheio no ano de 2009, causando uma queda real do PIB em 0,13% (logo após um aumento real de 6,07% em 2007 e 5,09% em 2008). Já em 2010 o Brasil se recuperava, obtendo uma valorização real do PIB de 7,53%.

O cenário dos anos 2001-2011 era bem diferente daquele dos anos de 2015-2016, no que foi considerada a maior recessão da história do país, quando a queda real do PIB ficou em 3,77% e 3,60%, respectivamente (todos os dados do PIB foram obtidos de Banco Mundial 2017).

Diversos indicadores mostravam comportamentos semelhantes (por exemplo, taxa de desemprego e o coeficiente de Gini, que mede a desigualdade de renda). A partir de 2013 começaram a ocorrer diversos protestos em todo o Brasil, que foram comparados à primavera árabe. Algo não estava bem. A década de '00 tinha sido marcada por avanços, e agora nos anos de 2015-2016, retrocessos. A pergunta era: por quê?

Cada agente tinha sua própria teoria. De um lado, os setores industrial e agropecuário, alinhado ao setor bancário e a manifestantes de direita, defendiam que a culpa seria da esquerda e do que foi denominado o “lulopetismo” (conjunto de políticas e práticas associadas ao ex-presidente Lula e ao seu partido, o PT). De outro lado, manifestantes de esquerda criticavam a política econômica estabelecida por Dilma Rousseff. O discurso desenvolvimentista que garantiu a sua reeleição foi enterrado com a nomeação de Joaquim Levy como Ministro da Fazenda em 2015, um economista de viés liberal. Os indicadores macroeconômicos estavam derretendo e não se sabia exatamente o que fazer.

Contra o aumento de impostos, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) iniciou uma campanha “Não vou pagar o pato”, contra o aumento de impostos, brincando com a ambivalência do pato nessa expressão e trazendo como símbolo um pato amarelo.



Figura 1 – O pato da FIESP com o Congresso Nacional ao fundo (fonte: Wikipedia 2017a)

A Polícia Federal deflagrou em 2014 a operação Lava Jato mostrando o parasitismo entre parcelas do empresariado e da classe política brasileira, envolvendo políticos de diversos partidos (mas não envolvendo a própria presidente). Em meio ao surgimento de diversos escândalos de corrupção, foi levada para votação na Câmara dos Deputados uma acusação por quebra da lei de responsabilidade fiscal (as “pedaladas fiscais”), teoricamente utilizadas para melhorar o resultado fiscal do Brasil e assim garantir a reeleição de Dilma.

III

Naquele dia 17 de abril de 2016, o Brasil parou. Era um domingo, e o requerimento do afastamento da presidente Dilma Rousseff seria votado na Câmara dos Deputados. Todos assistiam à contagem de votos. O que os brasileiros não esperavam ouvir eram as surpreendentes declarações de voto.

Sr. Presidente, só para corrigir

aqui uma
situação. Eu quero mandar um
abraço. Eu não mencionei o meu
filho, Paulo
Henrique.

Deputado, isso não é possível.

Paulo

Henrique, é para você, meu

filho.

Um beijo! (Frankel 2017: 183)

IV

Como brasileiro e estudante de poesia, me coube uma reflexão: como pensar esse momento político? A solução nasceu de conversas com dois poetas-editores e um professor de poesia. Foram quatro meses de criação, mais dois meses de edição, e “comemoramos” o aniversário de um ano da Sessão 091 da Câmara com poemas.

O elemento central seria a recontextualização das falas dos deputados em poemas por meio da identificação da sua particularidade performática. Deveriam ser colocadas em tensão máxima as palavras proferidas pelos deputados e a forma poética permitiria esse esgarçamento.

Para isso, utilizei como material-base as notas taquigráficas disponibilizadas no site da Câmara. Isso já eliminou um primeiro problema que é a transição de suportes, que traz em si uma dificuldade intrínseca (de interpretação, de vocalizações simultâneas etc.). Os vídeos da sessão, disponíveis viralmente pela Internet, foram utilizados apenas em casos específicos, como no esclarecimento de dúvidas pontuais. Há, além disso, um gesto de validação: o texto-base foi obtido através do meio oficial de divulgação de discursos da Câmara dos Deputados.

A opção por manter os discursos *ipsis litteris* conforme proferidos naquela sessão é um gesto estético e político. Do lado estético, tal opção se vincula, por exemplo, a experimentos de poesia *pau-brasil* (Oswald e suas “meninas da Gare”); a elementos da obra de Kenneth Goldsmith (com sua poesia *ready-made*); a uma revisão de um paradigma dadá (mictórios e discursos como arte); a uma revisitação do paradigma naturalista (os oradores da sessão não são identificados, sendo apenas marcados como vozes oriundas da Câmara, esta sim um personagem central na trama), tudo isso com um olhar agambeniano (apenas a versura separa a poesia da prosa). Do lado político, esse gesto representa a

responsabilização dos discursos pelos oradores de tudo aquilo foi falado naquele dia; para não falar – guardada a proporção do alcance do texto – de uma espécie de desarquivamento dessas falas.

A materialização dos discursos em um objeto-livro às vezes assusta, incomoda. Em meio às crescentes declarações de ódio com as quais nos deparamos cotidianamente, de repente nos deparamos em um livro que possui, no correr das linhas em frente aos nossos olhos, palavras que beiram o não-crível:

Presidente,

um colega

nosso

aqui da Câmara,

cujo nome

não vou

citar,

disse que,

se nós cassarmos a Presidente Dilma hoje,

ele vai se mudar do

Brasil.

Eu já comprei a passagem dele,

sem volta.

Saia daqui, porque nós vamos cassar o

Brasil,

em nome do Pará!

Minha mãe

negra Lucimar,

meu sul e sudeste

do Pará,

meu Tapajós amado,

meu querido nordeste

do Pará,

toda a área

metropolitana,

nós encaminhamos,

em nome do

Brasil,

da minha mãezinha,
dos meus filhos,
dos meus amigos
do Solidarietà,
desse povo querido
que vota sim,
nós votamos sim!

E quem vota sim
coloca a mão para cima!
Coloca a mão para cima! (Frankel 2017: 60-61)

Com o processo de impeachment de Dilma Rousseff, a sociedade brasileira se dividiu,
e o livro buscou jogar luz nessa divisão:

O povo

brasileiro

precisa
saber
que este
relatório não tem
a substância
necessária para colocar o

País

em uma
di
vi
são,
para colocar o

País

numa crise
p
r
o

f
u
n
d
a
e

a l o n g a d a. (*idem*: 28-29)

Outro elemento relevante na construção do *Sessão* (que é também simbolicamente seção-seção) foi a busca da criação de conteúdo semântico através da forma, marcando seu elemento poético. Tomando como exemplo o trecho do poema acima, a divisão, a profundidade e o alongamento são operados graficamente. A quebra dos versos também é objeto de cálculo, criando assim uma fala *telegráfica* no discurso. Além disso, termos como “brasileiros” e “País” estão separados do restante do poema. Isso foi uma das escolhas que perpassou toda a obra: “Brasil”, “país”, “república”, “nação” e congêneres sempre estão alinhados afastados do restante do texto.

V

Outros elementos poderiam ser destacados, mas deixo a identificação de cada um deles a cargo do leitor. Com a publicação do *Sessão*, o passo seguinte vem sendo a sua divulgação, divulgação essa entendida novamente como gesto estético-político, obrigando o público a enfrentar aquele material. Eliane Brum (2017) vê a crise que vivemos hoje em dia como uma “crise de palavra”, em um sentido que o seu movimento está interdito. Ler o *Sessão* em eventos, praças, saraus, é a afirmação de que é preciso digerir o que está acontecendo, sem conseguir ficar indiferente.

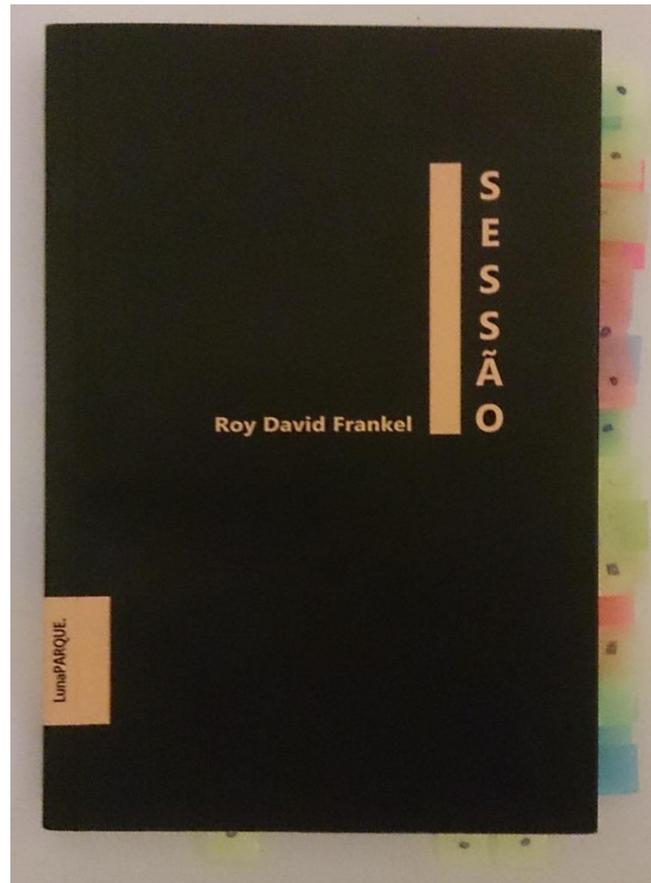


Figura 2 – Meu ‘livro de trabalho’, com classificações de tipologia dos discursos
(fonte: arquivo pessoal)

VI

Após essa votação, a presidente Dilma Rousseff foi afastada, tendo assumido seu vice-presidente, Michel Temer, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Em 31 de agosto de 2016 o Senado Federal votou o afastamento definitivo de Dilma. Michel Temer se encontra em exercício até a presente data, colocando em marcha políticas econômicas de cunho liberal.

Segundo Eduardo Coelho, no posfácio do *Sessão*, os discursos trazem um humor que “desponta da versificação, que reivindica um leitor concentrado num conteúdo superficial e sensacionalista, típico dos demagogos” (*idem*: 242). Eram necessários 342 votos para garantir a aprovação da denúncia no âmbito da Câmara dos Deputados. A oposição à Dilma Rousseff alcançou 367 votos. Independentemente da posição política ou do posicionamento

quanto ao efetivo crime de responsabilidade fiscal, o *Sessão* traz uma pergunta de fundo: é preciso pensar que país estamos construindo.

[23:07]

Sr. Presidente, quanta honra

o destino me reservou
de poder da minha voz sair
o grito de esperança de
milhões de

brasileiros

Senhoras e senhores, Pernambuco
nunca
faltou ao

Brasil.

Carrego comigo nossas
histórias de luta
pela liberdade e
pela democracia.

Por isso, eu digo ao

Brasil

sim pelo futuro!

Brasil!

Brasil!

Brasil!

*[Eu
sou*

brasileiro

*com muito orgulho
e muito amor
Eu*

sou

brasileiro

*com muito orgulho
e muito amor.]*

*Vamos chamar o Deputado Daniel
Coelho. Temos que
continuar a
votação. (idem: 221-222)*



Figura 3 – A comemoração do voto 342 (fonte: Wikipédia 2017b)

Bibliografia

Banco Mundial (2017), “GDP Growth (annual %)”, <<http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?locations=BR>> (último acesso em 25/08/2015).

Brum, Eliane (2017). O Brasil desassombrado pelas palavras fantasmas. El País, 10 de julho de 2017 <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/opinion/1499694080_981744.html> (último acesso em 25/08/2017).

Frankel, Roy David (2017), *Sessão*, São Paulo, Luna Parque.

IPEA. “A década inclusiva (2001-2011): Desigualdade, Pobreza e Políticas de Renda.” Comunicados do IPEA, Nº 155, 2012 <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/comunicado/120925_comunicadodoipea155_v5.pdf> (último acesso em 25/08/2015).

Wikipedia, “Não vou pagar o pato.” <https://pt.wikipedia.org/wiki/N%C3%A3o_Vou_Pagar_o_Pato> (último acesso em 25/08/2017).

Wikipedia, “Processo de impeachment de Dilma Rousseff.” <https://pt.wikipedia.org/wiki/Processo_de_impeachment_de_Dilma_Rousseff> (último acesso em 25/08/2017).